

# ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DE OBRAS LITERÁRIAS: Obstáculos entre obras e leitor?

*Eliana Yunes\**

Em diversas situações, por ocasião de congressos, seminários, encontros, vêem-se o interesse e a mobilização do público para acompanhar as sessões que dizem respeito à análise e interpretação de obras literárias. Do mesmo modo, livros com títulos que indiciem este assunto, esgotam-se rapidamente.

Coloquei a pergunta a mim mesma: por que atraem tanto as palestras e artigos que envolvem a interpretação de obras literárias? Outros textos, técnicos, científicos, informativos são objeto de estudos deste tipo? Por exemplo, a notícia da queda do avião da Korean Airlines, abatido na fronteira russa; interessa ao público a análise da notícia e não a análise do texto; com a análise dos fatos o que se quer saber é a verdade sobre o que ocorreu. Logicamente, se estiverem ao alcance, os textos dos comunicados japoneses, americanos e russos, linguisticamente pode haver uma análise que nos aponte a verdade ou a contradição dos fatos. Trabalhando com a situação de discurso, o universo da enunciação cujas marcas estão no texto — através dos subentendidos, dos pressupostos, do implícito, enfim — é possível reconhecer os sujeitos, decifrar as verdadeiras ações, recuperar os objetos diretos e indiretos dos fatos. Assim através das várias versões, chega-se ao texto da verdade. Do mesmo modo que as pesquisas científicas sobre o câncer ou sobre a AIDS avançam aparentemente isoladas nos

---

\* Professora de Literatura Brasileira — Pontifícia Universidade Católica (PUC)  
— Rio de Janeiro.

laboratórios de diferentes universidades no mundo, mas as revistas científicas comunicam em seus artigos os passos das descobertas aqui e acolá. Através de sua leitura objetiva, outros grupos podem recuperá-los e avaliá-los. Mas ninguém vai se deter na linguagem que transmite a informação; todos querem chegar a um saber prático e definido: a cura.

Volto à questão: qual a diferença do texto literário que está a exigir analistas e intérpretes autorizados? Não somos todos leitores?

Começa a despontar uma luz. Há tipos diferentes de textos, há tipos diferentes de leitores, há concepções diversas da leitura.

O que interessa no "caso" do avião ou na cura do câncer, postos sob forma de textos? Interessa que a informação seja objetiva, tenha referentes concretos, possa ser conferida com a lógica mais elementar do falso e verdadeiro. Mas esta clareza, esta determinação dos fatos já não existe nem mesmo na realidade. Ou melhor, a realidade não se constitui senão pela relação que o homem, sujeito que a "contempla", estabeleça com ela pela linguagem. Qualquer aproximação com o real se dá pela construção e manifestação verbal. A diferença está nos tipos de texto que falam do real; todos serão versões do mundo com pretensões diversas em relação à verdade. Por aí Hegel distinguia História e Poética, cobrando à primeira uma fidelidade que dispensa na outra; a poesia, isto é, a ficção re-inventa o mundo, e sua referência é interna ao discurso.

A História é um discurso sobre o mundo que procura analisar os dados do ocorrido; a ficção é o discurso do mundo em que o homem se vê, sujeito/objeto das ocorrências.

Haverá vantagens qualitativas de um sobre o outro? A ficção mente? O informativo admite interpretações? Vamos por partes. O texto da informação se quer unívoco, claro, direto: passar tal mensagem, ter um significado, de modo a evitar ruídos e mal-entendidos. Seria o discurso da "língua", preso ao dicionário e à gramática para ter uma decodificação rápida e imediata. Mesmo contando com isto, com a possibilidade de ser inequívoco, já vimos que a língua traz uma visão de mundo

(e de valores) recortada em sua estrutura e que o falante atualiza isto imperceptivelmente. Contudo é ainda uma versão da informação, possível isto sim de ser conferida com os fatos, com os acontecimentos.

“Chove hoje” — terá implicações diferentes, numa poesia ou numa informação de boletim meteorológico. Aqui posso averiguar, lá na poesia não teria lógica, nem razão para fazê-lo. Contudo não caberia aplicar-se-lhe o falso. Na poesia, o universo referido é o do próprio poema. Sua leitura e interpretação vão pedir coordenadas diversas das aplicadas à notícia de jornal.

Portanto, cabem num e noutro caso, leituras e interpretações com natureza e recursos distintos. A notícia pode ser falsa ou verdadeira. O texto ficcional será literário ou não, conforme sua coerência interna. As leituras e interpretações da primeira tendem a ser convergentes, buscar uma unidade possibilitando a existência de uma voz da verdade, que sobrepassa às demais. No caso da segunda, o leitor longe de se reduzir a decifrador da mensagem, é chamado a explorar os sentidos, a ampliar significativamente o texto com sua leitura que complementa a escritura. As interpretações da notícia nascem de dados objetivos, de seu contexto; as da obra de arte, nascem da relação pessoal do autor, da obra e do leitor com seu contexto específico, isto é, com sua história particular de leituras anteriores (intertextualidades) e das subjetividades que se cruzam na linguagem.

Longo será possível perceber diferenças entre o texto de comunicação e o texto ficção. A qualidade de um remete à clareza e à referência objetiva de que dispõem. Será tanto melhor quanto mais seu sentido for único. A do outro é tanto maior quanto mais possa permitir o cruzamento de sentidos, a ampliação das significações, a recriação da complexa ambigüidade das situações de vida. E justamente neste perfil irradiador e divergente de leituras possíveis, o texto literário abarca o leitor, a princípio, sem exigir dele outros informes além de sua própria vivência. Sua ingenuidade aí não lhe custará caro; pelo contrário, despertado o prazer, interrogado pelo texto, o leitor voltará muitas vezes, agora para somar outras perspectivas,

outras percepções e experiências, que enriquecendo-o, enriquecem a leitura e o texto que longamente o esperam. Já a informação não pode aguardar; decifra-me ou será devorado!

Assim, por exemplo, os contos de fada que hoje lemos à luz da psicanálise e da sociologia, apresentam 'reações' distintas diante de um e outro instrumental Independente de Freud, hoje sabemos, os textos de tradição oral da Idade Média operavam sobre os ouvintes de modo similar como atuam sobre nossas crianças, embora não tivessem notícia do inconsciente freudiano. A burguesia leu e reduziu os contos aos esquemas sociais que lhe convinham nos séculos XVIII e XIX e com os recursos da análise sociológica sobre a dominação de classes, do sexo, etc, é possível ler os contos numa nova intertextualidade.

Veja-se que há muitas leituras possíveis, no tempo, no espaço, de pessoa a pessoa, diante de um texto polissêmico. É esta multiplicidade que permite a renovação permanente da imanência da obra. Isto é, ela traz em si a permanência e a atualização constante, mas para tal a ficção carece do leitor.

Retomemos, então, o título proposto para este trabalho e vemos que antes da análise e da interpretação caberia mencionar a leitura. Leitura como co-autoria, comunhão com o autor, que permite ao leitor expressar-se diante do texto. Expressão que detona expressão, criação que se recria. Este tipo de leitor/fruidor deve estar na meta de qualquer educador. É com este tipo de leitura que se fazem os leitores — não com a obrigação compulsória de ler para responder questões, fichas, questionários com respostas fixas a priori, pensando em formar hábito de leitura, como atitude mecânica. Mas a leitura tem uma componente emocional, cativante que a literatura desperta e analisa.

É de seqüência de leituras, de sua trama, que vão nascendo as interpretações mais fundadas, mais seguras, comunicáveis, porque nascem de comunicação intertextual de narrativas e leituras. Já não será possível deslizar sobre o texto que passa a pedir pausa para amarrar imagens e sentidos aportados pelo leitor.

Teremos interpretações de aspecto muito amplo, resgatando sentidos que o próprio autor não previu, reconstruindo relações, estabelecendo associações com outras obras e leitores de modo que a obra transforma a expressão em comunicação, o prazer em saber.

Por isto a inserção de um trecho de obra literária num livro didático é um acidente de percurso. Dentro da disciplina, ele reclama que o texto seja comunicação antes de expressão, que o aluno decodifique o processo de expressão do outro (autor) quando ele ainda não pode se expressar. E as expressões não cabem nas regras da comunicação (ah! as licenças poéticas!). A autoridade do autor do livro didático condiciona a leitura, conduz as respostas. Perde-se o leitor e perde a literatura.

Por que não utilizar nestas obras textos sobre a realidade mesmo do leitor — não é possível que um livro sirva do Oiapoque ao Chuí — que lhe coloquem a problematização de seu cotidiano, que lhe permitam aprender a lidar objetivamente com a linguagem como instrumento de relação com o mundo, necessidade básica que realmente é? Neste tipo de texto caberiam discussões concretas sobre o uso da língua e sobre a mensagem/comunicação do autor. Discutir seu ponto de vista não implica em lidar com subjetividades, nem permite as lúdicas leituras de recriação. Há coordenadas explícitas a que se referir, onde a análise não só é possível mas desejável. Colocada neste lugar, a literatura exige um instrumental de que o leitor não dispõe, o que acaba por afastá-lo do livro, da linguagem, da leitura e da arte.

Qualquer texto é possível de análise. Mas a análise exige recursos e instrumentos próprios. Exige preparo, metodologia, posturas teóricas. E no caso da literatura, só o leitor cativado, que escolhe e privilegia esta área do saber (porque nela encontra prazer) está em condições de se aparelhar (cursos especializados, revistas críticas, estudos teóricos, etc.) para a análise.

Ela implica tornar intelegível o sensível, através de um processo que recupera pela decomposição e recomposição, a trajetória de produção do texto pelo autor. A desmontagem e arranjo do objeto faz com que se manifeste o jogo relacional

entre os elementos no seu interior e se descubram as próprias regras de funcionamento do texto. O que se tem no objeto reconstituído não é mera cópia mas um simulacro que o torna intelegível, legível desde sua produção. Numa visão imanente do texto, ele teria sua própria proposta de leitura e uma vez assinado estaria fechado numa autonomia capaz de expulsar até mesmo o autor.

Mas a modernidade arranca a análise do modelo, introduzindo conceitos de diferença, contradição, transgressão que inserindo o texto no espaço global da linguagem recuperam a intertextualidade e o diálogo. Esta significação plural do texto não chega a se esgotar porque existe sempre um ponto insondável — seu ponto de contato com o desconhecido: o amanhã, novo leitor, nova leitura.

Eis o percurso da leitura à Leitura: da recuperação do sujeito, à recuperação da escrita, à recuperação (da história) dos sentidos. Não se pode pedir a uma criança lendo seus primeiros livros que os analise em termos de narrador e personagem. Ele busca sua identificação, sua própria imagem. Quando ela puder perceber a linguagem será capaz de analisar e interpretar, retornando à sua relação pessoal com texto, já agora fundado no conhecimento em que se expande seu prazer de ler.

Como a realidade para crianças não tem um esquema ou recorte definidos, os textos não-literários tornam-se, paradoxalmente, mais impermeáveis. A literatura sendo história e discurso, isto é, narrativa e linguagem, possibilita que o mundo simbolicamente trabalhado cativa a criança pelas imagens e ao mesmo tempo em que causa o prazer da “leitura”, confere uma percepção do mundo. Daí que a literatura forme leitores de texto e de vida, ainda na idade pré-escolar — tempo de oralidade — abrindo para a leitura do prazer adulto que nas análises e interpretações alheias busca o encontro, a partilha das próprias emoções, a socialização do conhecimento e uma participação no “poder” através das informações (leituras, análises e interpretações) sabidas e concebidas.